

Boa noite

Queria em primeiro lugar agradecer o convite que me foi feito para participar neste programa e ao mesmo tempo felicitar a RTP por mais uma abordagem à problemática do envelhecimento.

Faço parte de um grupo que teve a possibilidade de desenvolver um projecto que se iniciou em 2002 num Lar de Idosos, projecto esse que só foi possível pela Instituição onde desenvolvemos o nosso trabalho e que continua a manter valores e princípios de grande solidariedade e de justiça social para os seus beneficiários não reduzindo todas as questões de saúde à perspectiva económica, ainda que mesmo nessa área mantenha um funcionamento exemplar. Trata-se do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas.

Com os instrumentos adequados, as condições colocadas à disposição e os recursos existentes alterámos significativamente a vida de um lar de idosos e dos seus residentes, atingindo resultados extraordinários que ultrapassaram todas as expectativas.

Destacamos deste projecto as alterações introduzidas na área da ocupação e lazer, alterando o modelo dos passeios de 50 e mais pessoas obrigando os idosos a passear na companhia de quem não desejam por não ter outra alternativa, os bailes e as festarolas com imenso barulho, demasiado movimento e com a patética ideia de mesmo que as pessoas estejam tristes têm que andar à rodinha, acabámos com a colectivização das actividades de ocupação. Desenvolvemos um modelo com duas vertentes: autonomização das actividades: quem puder desenvolve actividades abertas à participação de outros mas que sejam do seu agrado, dando as condições para isso. Temos um boletim informativo mensal, sessões de cinema semanais, reuniões de clube de leitura semanais, pintura diariamente, biblioteca permanente, internet e jardinagem. Actividades desenvolvidas e controladas por residentes. Por outro lado abrimos e temos em funcionamento uma série de ateliês que permite aos residentes escolherem a sua actividade: culinária, costura, sala de jogos, snooker, circuito de manutenção, ginástica, moldagem e vamos ter um museu do residente, uma loja de conveniência e uma oficina aberta. O paradoxo da lâmpada incomoda-nos. É pois objectivo: menos residentes em muitas actividades do que imensos residentes numa actividade. Esta área deve servir para orientar e colocar à disposição dos residentes os meios e não promover a actividade.

Intervimos seriamente na área da saúde, entendendo que estas unidades, quer queiramos quer não, são essencialmente unidades de saúde e não unidades sociais. Investimos em técnicos de saúde e implementámos um novo modelo de organização de trabalho: o método responsável. Cada residente tem um enfermeiro e uma equipa de auxiliares de referência que tratam especificamente dos seus problemas. Aumentámos a segurança e confiança, diminuámos os internamentos hospitalares no exterior, o recurso às urgências, as quedas, os acontecimentos de saúde inesperados, as feridas (escaras) por imobilidade, não temos residentes acamados permanentemente e tudo isto foi reflectido positivamente no aspecto económico. Fizemos compreender que o investimento em técnicos qualificados e formação de equipas pode ser rentável e aumentar receitas e diminuir custos, sendo esta uma linguagem entendível por todos os recentes teóricos na área da saúde.

Implementámos um novo modelo de comunicação com motivação da reivindicação e da reclamação. Costumamos a dizer que quanto mais os nossos residentes reclamarem melhor, mais previnem o Alzheimer porque aumentam a actividade cerebral. Temos circuitos facilitadores da reclamação e temos reuniões diversas permanentes, as famosas RGI's onde tudo se discute e as reuniões mais restritas para dar possibilidade aos menos capazes de intervirem e fazerem ouvir as suas opiniões. Reunimos com os familiares por convocatória nossa fazendo-os compreender as nossas decisões e chamando-os a participar na vida dos seus familiares, invertendo o ónus da prova nas reclamações. Quando os familiares não percebem o que se faz numa unidade destas são permanentes inimigos do funcionamento porque servem de caixa de reclamação do residente, sendo muitas vezes a única relação que tem com o seu familiar.

Com isto que é mais profundo do que esta breve explicação, compreendemos que abrimos a tampa. As necessidades dos idosos estão escondidas porque eles são levados a escondê-las julgando que os seus direitos terminaram pelo facto de não serem produtivos ou de estarem dependentes.

Isto fez-nos desenvolver novos conceitos, novas ideias e procurar novas soluções. Extraímos as conclusões e saltámos as paredes do lar, transmitindo os nossos conhecimentos e partilhando as nossas dúvidas. Criámos grupos de trabalho e constituímos recentemente uma Associação que pretende servir de fórum de reflexão sobre a problemática da Grande Idade. Mas não queremos limitar-nos a reunir à volta de uma mesa e retirar conclusões muito interessantes. Queremos intervir no terreno, mudar mentalidades, influenciar decisões.

Para terminar há duas conclusões que tirámos e queremos desenvolver:

1. O modelo de cuidados e serviços ao envelhecimento está errado, é desadequado e tem que ser mudado., Assenta em princípios caritativos, com forte componente religiosa, de solidariedade social e fechada numa avaliação social de necessidades. O modelo tem que ter uma forte componente de saúde estando a componente social a montante dos lares e casas de repouso. São necessárias novas tipologias das unidades prestadores de cuidados e serviços, um modelo de contratualização/comparticipação diferente e uma nova legislação mais adaptada às necessidades actuais.
2. É necessária uma REDE NACIONAL que inclua todos os prestadores de cuidados e serviços, devidamente integrada e continuada, com uma estrutura de gestão eficiente, a exemplo do que se fez já noutras áreas. Deveremos trabalhar por programas com objectivos determinados e concertados entre todos.